

Colheita de frases, escrita, experiência de vida

Lorenza Vicelli Gioppo

FACULDADE FACONNECT - POLO A CASA TOMBADA
Pós-graduação em Gestos de escrita como prática de risco

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Lato Sensu GESTOS DE ESCRITA COMO PRÁTICA DE RISCO apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em GESTOS DE ESCRITA COMO PRÁTICA DE RISCO, sob orientação da Profª. Dra. Ângela Castelo Branco e Prof. Me. João Paulo Ferreira Silva.

São Paulo
2025

Resumo: Este texto é uma tentativa de compartilhar como encontrei na busca, na colheita, no roubo, no empréstimo, na (re)elaboração de frases uma materialização da relação com a vida que desejo viver - a vida que busco, constante e incessantemente. O encontro com um gesto de escrita que é desejo e confronto com o mundo. O processo de uma escrita-não escrita que me permite viver a palavra, tocar o que não tem nome. A tentativa de dar nome - voz, matéria - para o processo. E o desejo de outro. De transformar-me em outra. Bordando. Escrevendo. Vivendo.

Palavras-chave: escrita-experiência, gesto, vida, bordado, colheita de frases, partilha, mundo, desejo, outro.

Agradeço à Ângela e a João, pela escuta e olhar tão provocativos.

À Casa Tombada, por oferecer generosamente espaço para estarmos inclinadas.

Ao núcleo germinativo Escrita-experiência - Erotismo - Escrita Corpo, pelo espaço de troca e de busca compartilhada.

Nada mais arriscado que o encontro.

<i>Como começar?</i>	6
<i>Desejo por pedaços</i>	12
<i>Escrever ler buscar viver</i>	15
<i>Um começo</i>	19
<i>A linha</i>	22
<i>Vontade de outro, vontade de mundo</i>	30
<i>Vislumbrar as frases</i>	34
<i>Bordar e colher frases</i>	37
<i>Materializar o inominável</i>	46
<i>Escrita-experiência</i>	53
<i>Relação com o mundo</i>	59
<i>Deixar pistas</i>	66
<i>Partilha das frases</i>	69
<i>Mostrar essa língua</i>	72
<i>Corpo de escrita e de vida</i>	80
<i>Referências Bibliográficas</i>	85

Antes de começar a escrever
vou abrindo os cadernos, os livros, as gavetas
espalhando tudo pelo chão, pela casa.

Antes de começar a escrever
vou me espalhando pela vida,
colhendo a vida em torno de mim.

Colocando à mão tudo que pode conter minha escrita.
Tudo onde posso encontrar essa escrita
que faço despretensiosamente
até chegar a hora de escrever de verdade.

E quando essa hora chega,
percebo que já escrevi.

Como começar?

A pergunta que nos ronda desde o começo deste curso.

O que é começar se há sempre algo já em processo?

Como pensar o começo dessa pós-graduação que é um começo, mas um que já pega um bonde andando?

Flávia, em um de seus textos, diz “começo pelo processo”¹.

Meu caderno, que acaba no raiar da finalização do curso, indica: é preciso um caderno novo para o final de um processo. Ou quem sabe pode ser um caderno já começado?

Quando começar?

Quando começamos a escrever?

Esse verbo presente e passado juntos; o agora se fazendo sempre.

Escolho começar.

E escolho por onde começar.

No meu caso, começo pela busca. Do gesto, da escrita, do risco; a busca por mim. O começo do encontro com meu desejo.

Mas é curioso pensar, retornar a um começo depois de já muito transformada.

¹ Flávia Giacomini é bordadeira curiosa, colega da pós e parceira d'A Casa Tombada. Colhi essa frase em um de seus textos no nosso Canteiro de Terra, espaço para as escritas em processo, em germinação de ideias, impulsos, inquietações e vontades. Ali, Flávia se pergunta justamente sobre os começos e suas continuidades infinitas.

Olhar para trás com os olhos de agora, me ver de outra perspectiva. Voltar a esse processo é um primeiro (?) movimento para me ver fora de mim.

Já há muito caminhado nesse processo, muitos desdobramentos que fazem com que a partilha que escrevo aqui seja um recorte, isto é, também uma escolha.

Ângela², nossa coordenadora e guia, sugere em uma das orientações que eu *diga* o processo, pois sustentar a descoberta é dar corpo a ela. Compartilhar o processo é uma maneira de fortalecê-lo.

“Fazer uma experiência, conduzi-la até o termo, significa dizê-la”
Pierre Alferi, *Procurar uma frase*, p.51.

Nota: Compartilhar um processo-escrita-experiência é instigá-lo.



² Ângela Castelo Branco é poeta, arte-educadora, professora e coordenadora da pós-graduação *Gestos da Escrita como Prática de Risco*. Defensora da escrita de risco, instigadora de gestos que ainda não foram descobertos.

SER ÉTICA COM MEU DESEJO.

PARTILHAR BUSCAS.

Para começar a dizer meu processo de busca e descoberta, me amparo no conjunto de verbos, verbetes, gestos que foram se tornando vocabulário comum, tornando *nossa* língua - a do grupo que formou o curso - mais próxima. E que também sustentaram meus processos, me ajudaram a encontrar a *minha* língua - ou ao menos meu desejo de língua.

E desejo de língua é desejo de gesto, que por sua vez é desejo de vida.



MANter INTIMIDADE COM
A MINHA LÍNGUA.



ATÉ O GRUPO VIRAR GRUPO.

UMA PALAVRA QUE GOSTARIA
EM PRIMEIRA PESSOA.

Desejo por pedaços

Começo, então, dizendo meu gosto por detalhes, por minúcias, por fragmentos e, portanto, talvez esse texto seja também um pouco fragmentado. Uma vontade de trazer luz ao que tenho a sensação de passar despercebido no cotidiano do gesto funcional.³

Em um dos encontros, um em que lemos nossos desejos de escrita, nosso grupo sugeriu *pedaço*, no lugar de “fragmento”. Pois o pedaço é carnudo, é recheado de coisa, recheado de vida.

Missandra⁴ completa:



Print do chat da aula de 10/03/2025, intitulada "Recomeçar".

Nota: Serão minhas notas, meus fragmentos, meus pedacinhos escrita?

³ Lu Favoreto, com quem estudo dança contemporânea faz essa distinção entre o gesto funcional, isto é, o gesto do cotidiano, e o gesto poético. Entendo isso como uma forma de dizer que a potência dos gestos está em todo lugar, o que muda é a nossa consciência dele. Assim, entendo também que tanto a dança como a escrita se fazem a todo instante.

Lu é amante do movimento. Artista da dança, bailarina, coreógrafa, professora e preparadora corporal nas artes cênicas.

⁴ Missandra Almeida é colega de turma, escritora, artesã e ativadora do verbo *encaracolizar*.

Escrever por/no/o fragmento é escrita?

Uma escrita não-escrita, uma não-escrita escrita. Um pouco que na verdade é muito, aprendi com Vinicius, no nosso Núcleo Germinativo⁵.

Vinicius⁶ me (nos) ajudou a perceber quanta escrita acontece enquanto não nos damos conta e que sua matéria é também bastante preciosa.



⁵ Os Núcleos Germinativos são pequenos - grandes - grupos de pesquisa, unidos por inquietações e desejos comuns. O Núcleo Germinativo deste trabalho foi/é *Escrita-Experiência - Erotismo - Escrita Corpo* e é composto por Joana Abreu, que molda palavras e sentidos; Joana Carreiras, que experimenta a metamorfose do corpo-escrita em devir; Kesly Dieny, que tem desejo incessante; Lívia Mota, que usa seus olhos sem moderação; Vinicius Airumã, que tem desejo de prazer, e por mim, que partilho esse processo.

⁶ Vinicius Airumã faz livro em suas mãos como um exercício de reescrever memórias e se encontra fazendo um corpo outro. Colega querido e provocador na busca por nossas escritas e corpos de escrita-vida.

COLOCAR NA ALTURA
DO OLHAR.

BUSCAR A SINCRONIA EM
OUTROS LUGARES.

Escrever ler buscar viver

A escrita que meu desejo de língua-vida exigiu é uma que eu tinha dificuldade de chamar de escrita - em parte pela presença do censor, do alguém que fica olhando e avaliando o que e como escrevo.

Ela se dá fora dos suportes “tradicionais” e, ainda que sustentada pelos dentro, se deu muito fora daqui - da pós e de mim. É uma escrita que se dá em muitos lugares, em *todos os lugares*.

Que é sustentada pelo meu desejo de mundo e pelo diálogo com os corpos do mundo que me constituem.

A escrita que meu desejo de língua-vida exigiu, a *minha* escrita, é de busca e é, considero, um *gesto de vida*:

Entendo que escrever é buscar e buscar é viver.

Viver atentamente é uma forma de escrever.

“Estar atento é, em certo sentido, estar aberto ao mundo. Significa estar presente no presente, estar ali de modo que o presente possa ser apresentado a mim (torna-se visível, vir a mim e fazer com que eu o veja) e, ao mesmo tempo, estar (lá) de modo que eu fique exposto diante do presente e possa me transformar, contagiar, ou educar-me. (...) Essa é a atenção que permite a experiência.”
Jorge Larrosa, *Ponhamo-nos a caminho*, p.58.

Ler o mundo é uma forma de escrever.

Ler é escrever, essa óbvia e maravilhosa constatação.

Sarah Coeli⁷ defende a leitura empunhada de um lápis.⁸

Leitura capaz de deixar rastros, vestígios, pistas do corpo que ali passou e da relação que se estabeleceu com o texto.

Ler empunhada de um lápis é *destacar* a relação com o texto. É escrever a relação com o texto.

Escrever para mim foi/é viver.

Não no lugar poético e romântico, mas porque foi de fato necessário **viver** para encontrar o gesto que me aproximou/me aproxima da minha escrita.

“(...) ler é uma questão de ouvir o que as vozes da página têm a dizer.”

Tim Ingold⁹, *Linhas*, p. 64.

Nota: Ler é ouvir o que as vozes da página têm a dizer *a mim*?

Outra maneira de entender o *prazer do texto*¹⁰, ao menos como eu o entendi.

Escrever a partir dos pedaços que falam comigo.

Escrever os pedaços talvez?

⁷ Sarah Coeli é artista visual, educadora e ceramista não-praticante. Participou da primeira turma da pós *Gestos da Escrita* e foi professora da segunda, com a aula intitulada “A Escrita, o Barro”. Sarah é também uma referência querida e importante, um dos motivos de eu ter atravessado esse curso.

⁸ As notas dos cadernos me lembram que essa ideia vem desde Michel de Montaigne.

⁹ Tim Ingold e Jorge Larrosa foram dois autores que me mobilizaram profundamente nesse processo. Seus textos deram palavra - e contorno - para muito do que eu vinha experimentando empiricamente.

¹⁰ Roland Barthes, *O prazer do texto*, 1978.

ALGUMA COISA QUE QUER SER DITA.

AMAR ESSE ALGO QUE ESTÁ
ME TOCANDO.

LER DE OLHOS FECHADOS.

ENTREGAR-SE AOS BARULHOS.

ENTENDER POR QUE É UMA
COISA E NÃO OUTRA.

Um começo

O começo do meu gesto tem sua origem nas origens: encontrei-o, ou tomei consciência dele, a partir da proposição do curso para escavar os nossos gestos de escrita ou buscar os gestos que fundam nossa escrita.

Instigada por isso, pela tendência de coletar pedaços e por um comentário de Ângela sobre imagem-lembrança da orelha de sua avó, comecei a colecionar dentro de mim partes dos corpos daqueles que constituem meu corpo e meu eu; um gesto que a colega Telma Braga¹¹ generosamente sugeriu resultarem em Corpografemas, em referência aos biografemas de Barthes:

Um biografema é a singular e poderosa parte que contém um todo, nesse caso, a essência de uma vida. Um gesto, um hábito, um traço, um pedaço, um detalhe que se revela na convivência, na intimidade, na subjetividade e que dá contorno, substância e significado àquele ser.

Um corpografema seria, portanto, o biografema de um corpo. No lugar de um gesto, um pedacinho do corpo de alguém que, pelos afetos e experiência vividas, destaca-se. Um lugar que *materializa*, dá a ver, a relação que se estabelece entre corpografado e corpografante.

Nota: Qual o lugar único onde as relações ficam em mim?

¹¹ Telma Braga é escritora, poeta, abraçadora de árvores, amante das palavras, investigadora de grandiosas miudezas. Oferece as mais belas e precisas observações sobre nossas escritas e aquilo que ainda não enxergamos.

Esse lugar fica em mim ou no outro?

Esse corpografema do outro é também meu: diz muito sobre mim, sobre a relação que estabeleço com meus outros fundantes - *meus outros* - e por consequência com o mundo.

Nota: Reparar no que me chama a atenção no outro-mundo.

Assim, nesse gesto de me remontar pelos corpos dos outros, comecei a me deparar com o eu fora de mim.

Mais do que isso: comecei a *querer* o eu fora de mim.

Comecei a vislumbrar um primeiro movimento de perceber/colher e deixar pistas do meu corpo no mundo.



ALGUMA COISA QUE
FICO DE TUDO QUE ESCAPA.

MEDIR-SE COM O QUE HÁ.

A linha

Nota: O que existe nesse espaço que não sou
nem eu nem o outro?

Um primeiro encontro fundante desse processo foi com a linha. Algo tão básico e tão grande, que me permitiu o que Barthes sugere como um “meio” da vida. Esse meio não é uma metade, mas um ponto de virada. Um momento em que alguma coisa acontece que nos obriga a nos reorganizarmos.

“um acontecimento, um momento, uma mudança vivida como significativa, solene: uma espécie de tomada de consciência total.”
Roland Barthes *apud* Clara Amorim, *Para escrever(,) o absurdo é preciso*, p.7.

“(…) um saber que de repente se adquire (…)”
Clara Amorim, *ibidem*.

A **linha** me mostrou meu eu-sujeito¹², me permitiu o limite - e por isso o contato - com o outro, a relação com o espaço, com a escrita (expandida).

Linha que me deu vontade de outro e, por isso, vontade de escrita.

Linha que me ajudou a materializar minha relação com o mundo.

¹² Durante a aula da artista e professora Edith Derdyk, a colega Ana Luísa Lacombe compartilhou que conta-se que, antes mesmo da linguagem, quando o primeiro ser humano se deu conta da sua existência no mundo, desenhou um círculo em torno de si, delimitando que estava dentro e o que estava fora. Essa imagem me instigou profundamente e venho carregando-a desde então. Imagino uma pessoa - talvez eu mesma numa versão ancestral - andando sozinha na mata e sendo tomada pela consciência da vida. Já Ana Luísa, imagina uma cena épica: uma mulher no alto de uma montanha, enxergando seu grupo, um rio, o Sol. De todo modo, o gesto vem para dar conta do arrebatamento de perceber-se viva no mundo. Ana Luísa é artista da palavra, atriz, figurinista, escritora e contadora de histórias.

ESTICAR PARA DESCOBRIR
OS LIMITES.

ME PERCEBER VIVA.

PRÓXIMO NÃO PRECISA SER DENTRO.

SUPORTAR A EXPANSÃO E
O RECOLHIMENTO.

Linha que, numa forma de elaborar essas reflexões, me trouxe à *Trama*, uma prática-performance que partiu da constatação-provocação de Ângela logo no primeiro mês: a linha é o encontro entre dois pontos.

Na *Trama*, caminho com um novelo de barbante, que registra o trajeto e relação com o espaço.

Cria-se um novo corpo que habita e modifica o ambiente, materializando aquilo que antes não estava lá, ou que não se via.

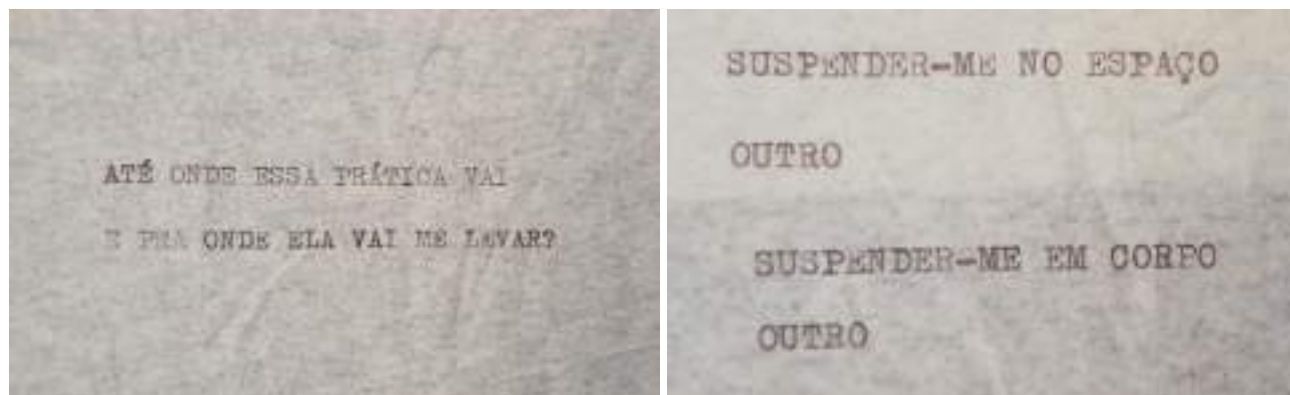
O objetivo é criar uma trama relacionada com o entorno e, portanto, densa o suficiente para sustentar o peso do meu corpo. Essa suspensão reflete sobre uma supressão do eu, da identidade: amalgamar-me em corpo outro; confiar no outro, no corpo, no espaço, na matéria, que criam em parceria o sistema-Trama – em um momento sou agente, em outro sou instrumento de escuta e criação.

Me suspendo até a queda e o encontro com o chão, pelo rompimento do barbante. Esse rompimento acontece sempre em lugares inusitados e registra no corpo-linha as memórias das experiências anteriores, visto que uso o mesmo novelo desde o começo do processo.





Performance *Trama*, desenvolvida durante a residência artística na Casa da Escuta, em São Paulo, entre junho e dezembro de 2024. Registro meu do processo.



Colheitas de Processo da *Trama*.



SE ENTREGAR PARA O SOLO.

SUPORTAR A INSTABILIDADE.

SABER DISTRIBUIR O PESO.

TOCAR A SUPERFÍCIE DO MUNDO.

DEITAR NO HORIZONTE.

Vontade de outro, vontade de mundo

Nota: Sonhei com uma frase-percepção.

Uma maravilhamento em forma de frase:

Um vocativo é a consciência da existência do outro.

Você.

A *Trama*, ao investigar o espaço, a caminhada, o outro, a vulnerabilidade, a suspensão em corpo outro me colocou numa posição de ser convocada pelo mundo.

“Eu desejo o outro pelo outro, inteiro, inteira; porque viver é querer tudo o que é, tudo o que vive, e querendo-o vivo.”

Hélène Cixous, *O Riso da Medusa*, p.76.

Fui convocada pelo mundo e me tornei - agora assumidamente - desejosa dele e então foi preciso me perguntar: qual gesto de escrita esse desejo de mundo me convoca?

Como dar conta de captar, perceber, elaborar algo tão grande quanto a vida, quanto o mundo?

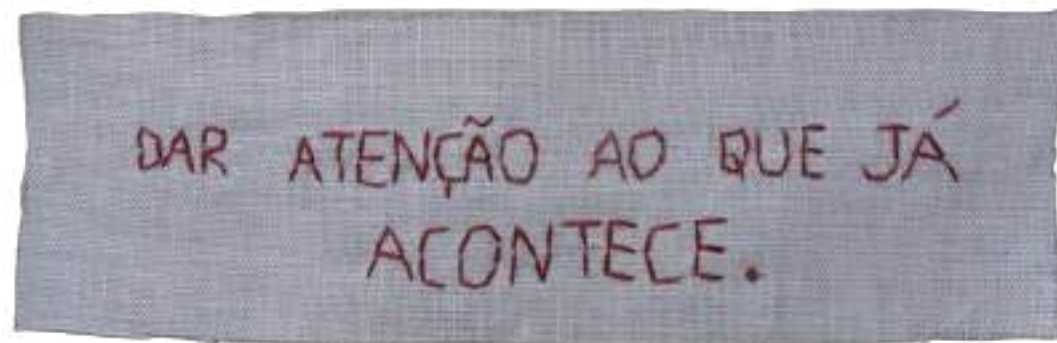
Quando a vontade é tanta que tudo que cabe é um gole, lembro-me que a vida se faz no pequeno, no cotidiano, na **relação**.

(eis o biografema de novo)

Como perceber, valorizar, dar a ver a relação que vou tecendo com a vida? Que é uma outra relação; uma de atenção, de abertura, de descoberta, de busca.

Tal qual a linha da *Trama*, que materializa meu percurso e minha relação com o espaço.

Me detendo naquilo que é possível pegar, guardar: pelo pedaço, pelo pequeno. Pela nota, pela *frase*.



DAR ATENÇÃO AO QUE JÁ
ACONTECE.



ESSE FORA
QUE ME CHAMA.

FAZER PARENTES.

ATRAVESSANDO
ATRAVESSADO

BUSCAR O ESPAÇO HORIZONTAL
ONDE MORA O OLHAR DO
OUTRO.

DEIXAR ESCORRER A FACE.

Vislumbrar as frases

Nota: Frase é lugar de experiência.

Um primeiro movimento do gesto instaurado/convocado para absorver tudo que eu descobria e que me acontecia - os encontros, os autores, as professoras, as colegas, os outros processos se abriam paralelamente¹³ - foi sintetizar as descobertas em frases numa lista de “ideias que ficaram” no Canteiro de Terra, o espaço da plataforma online para tentar germinar os textos, os desejos, as inquietações. Para buscar palavras e vislumbrar gestos.

Colocar as frases que estavam nos mais variados cadernos, no corpo, no ouvido, na pele, no osso em um só lugar talvez numa tentativa de dar conta da experiência delas.

Nota: Como dar sentido àquilo que me acontece?

Como chegar no que precisa ser dito?

¹³ Dos processos, destaco as aulas de dança contemporânea com Lu Favoreto no Estúdio Oito Nova Dança, a residência-artística na Casa da escuta - ambos em São Paulo - e a facilitação de oficinas artísticas no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos nos CRAS de Franco da Rocha, junto do projeto Manual em Família, da Associação Cultural Casa das Caldeiras. Somadas à pós, essas experiências foram catalisadoras da minha experiência de vida entre 2024 e 2025.

FERMENTAR O MOVIMENTO.

GANHAR FORMA PRÓPRIA.

PENSAR A PELE.

PENSAR O O550.

Bordar e colher frases

Aos poucos, conforme as frases penetravam no meu corpo e na minha vida e sua origem se embaralhava nas minhas experiências, elas quiseram ganhar outros espaços. Resgatei, então, o gesto que me ensinei e comecei a bordá-las em pequenas tiras de linho.

Quando esse gesto se estabeleceu, passei a colher frases de aulas, de leituras, de conversas, de escritas, de reflexões, de sonhos; na rua, na dança, no metrô, na pós. Anotando onde podia.



Cadernos com colheitas de frases.



Prints do meu grupo comigo mesma no Whatsapp

Bordei grande parte durante as próprias aulas da pós, honrando a matriz do gesto, destacando o poço de referências e reflexões; mas bordei também entre pausas, no almoço, durante conversas - convocando as frases para outros lugares.

Conforme bordava, encontrei outro tempo, outra dinâmica de escrita. Fui criando uma outra relação com a escrita e com a atenção.

Uma relação que me implicava/implica inteira, que envolve e engaja todo meu corpo.¹⁴

¹⁴ Foram tantas as frases bordadas - e sem bastidor, o que exige mais das mãos - que suspeito ter feito no braço esquerdo uma lesão por esforço repetitivo, cuja sigla é "LER". O gesto que me ajuda a ler o mundo, inscreve no meu corpo a palavra LER.

Nota: Corporificar a escrita / Inscrever o corpo.

Bordar as frases me ajudou a dar conta de elaborar a escrita e de elaborar a vida.

Me ajudou a tocar/chegar/vislumbrar a **vida escrita**.



Organizações e bordados em espera: no sofá, na mesa de jantar, na escrivaninha....



Pilha de frases em abril de 2025.



Pilha de frases em junho de 2025.

FICO NA PÁGINA ATÉ
ME DAR POR SATISFEITA.

SE EXPOR AO HÁBITO
ATÉ QUE ALGUMA COISA
APAREÇA.

DEVOLVER PALAVRA
PARA O CORPO.

LIBERAR A VIDA POR OUTROS
CAMINHOS.

PENSAR COM OUTRAS
PARTES DO CORPO.

DEIXAR TERMINAR O GESTO.



Primeiras frases bordadas, ainda juntas.

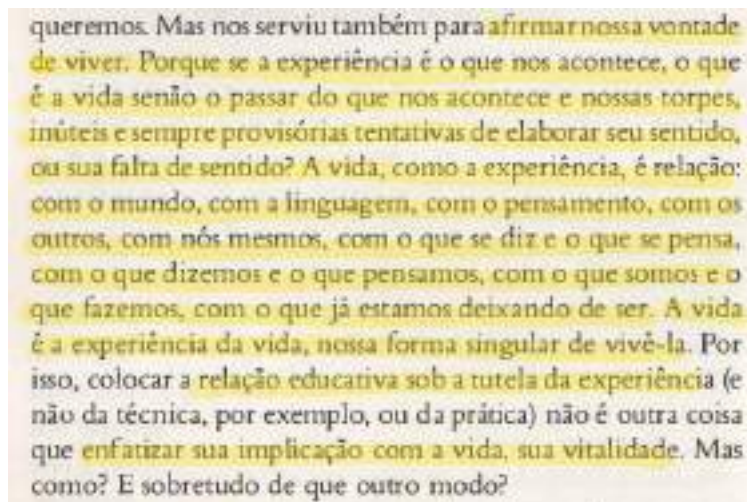
Bordar em tiras fortaleceu a ideia de pedaço, de partes que fazem mais que um todo, além de alimentar a vontade de espalhá-las pelo mundo.

Materializar o inominável

O encontro com as frases, me permite “encostar no impossível”,¹⁵ elaborar o muito, me aproximar de uma nomeação do inominável, o impalpável que é a experiência de vida.

Nota: O que cabe na palavra vida?

Quantas notas costuram a palavra vida?



queremos. Mas nos serviu também para afirmar nossa vontade de viver. Porque se a experiência é o que nos acontece, o que é a vida senão o passar do que nos acontece e nossas torpes, inúteis e sempre provisórias tentativas de elaborar seu sentido, ou sua falta de sentido? A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la. Por isso, colocar a relação educativa sob a tutela da experiência (e não da técnica, por exemplo, ou da prática) não é outra coisa que enfatizar sua implicação com a vida, sua vitalidade. Mas como? E sobretudo de que outro modo?

Jorge Larrosa, *Tremores*, p.74.

¹⁵ Fisquei essa expressão do trabalho de conclusão de curso de Clara Amorim, *Para escrever (,) o absurdo é preciso*, p.8.

Entendi que a experiência de vida é ela mesma, uma forma de linguagem: linguagem de vida.

Por isso considero meu gesto de escrita um gesto de vida, como disse no começo deste texto, e abarcar a vida é uma experiência que só cabe na **busca**.

“A possibilidade de uma frase consiste somente no movimento de sua procura.” p.68

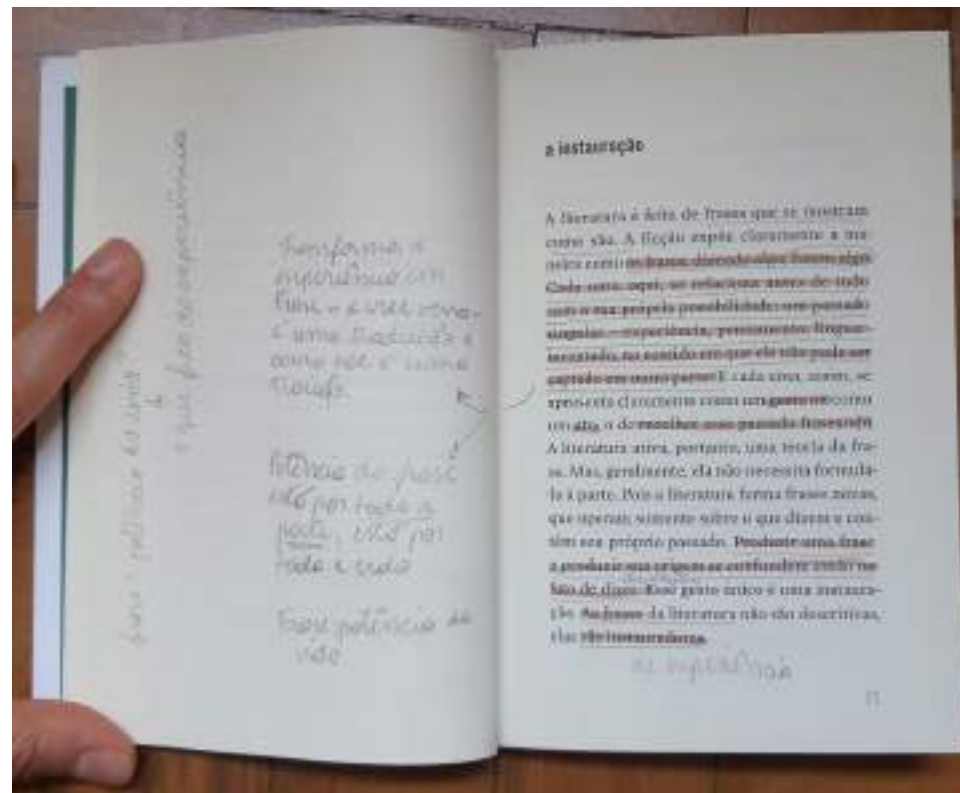
“Apelo que faz ouvir na frase um experiência impossível”, p.59

Pierre Alferi, *Procurar uma frase*.

Nota: Nomear o inominável deixando espaço para que continue a ser.

Inspirada por Alferi, chego a conclusão que as frases como gotículas em suspensão no acaso de um encontro.





Anotações-reflexões no livro *Procurar uma Frase*, de Pierre Alferi.

“A força engajada na formação de uma frase é apenas o elã do proferimento”. p.41

“Assim cada frase constitui uma articulação interna do elã”. p.42

Nota: Seria a frase elã de vida?

Na devolutiva em que sugeriu esse livro, esse que li à procura de frases para guiar minha busca, para entender minhas frases bordadas, Ângela me provocou sobre a frase ser potência do resto. Fico pensando no resto como tudo aquilo que é impalpável, inominável, o que escapa dos dedos e da língua no encontro com o mundo.

Nota: Bordar o que me escapa.



FICAR NO
INTRADUZÍVEL.

CONHECER AS PARTES QUE
NÃO PERCEBO VAZAR.

HABITAR O LIMITE DA
PERCEPÇÃO.

PRATICAR A PALAVRA.

SER HONESTA COM O INSTANTE.

PERCEBER-ME MORTAL.

Escrita-experiência

Mas é preciso também buscar compreender o que está além das frases “prontas”.

Elaborar¹⁶ a experiência pela escrita e a escrita pela experiência.

A experiência é o corpo em afeto / escrita é o corpo em afeto.

Um corpo afetado é capaz de transformação e de vinculação, nesse caso vinculação com o mundo.

Vincular-me com o mundo através da escrita: chegar a um corpo em constante experiência de escrita, elaboração e atenção constantes.

Pois para encontrar / colher as frases, é preciso estado de atenção ao imperceptível, estado que se atinge para entrar em estado de escrita.

Estado de escrita = estado de captura

Reitero: escrever = buscar

Escrita *na* vida.

¹⁶ Ou ainda “lapidar”, verbo que encontramos no Núcleo Germinativo *Escrita Experiência - Erotismo - Escrita Corpo* como maneira de mergulhar na escrita (e na vida), se demorar nela, ouvir o que de mais escondido ela tem a nos dizer.

Nota: Viver é inventar frases.

Viver é buscar frases.

Estar em relação é encontrar frases.

“Nessa investigação, o saber não está dirigido a compreender (melhor), mas a esculpir, isto é, a fazer uma incisão concreta no corpo que transforme o que somos e como vivemos”.

Jorge Larrosa, *Ponhamo-nos a caminho*, p.47.

Nota: Ser afetada pelo sentido.

Encontrar o lugar crítico da invenção das frases.

Qual o lugar único onde as coisas caem em mim?



CAVUCAR O ESPAÇO
DENTRO.

ENTRAR NA FENDA DO TEXTO.

ECOAR PALAVRAS NO CORPO.

ORIENTAR-SE PELAS
ABERTURAS INTERNAS.

DAR O TEMPO DOS PÉS.

CONECTAR CORAÇÃO COM PÉS.

ASSENTAR A VOZ.

Relação com o mundo

Essa colheita de frases foi se tornando uma coleção do que gostaria de chamar de corpografemas do mundo ou então biografemas da minha experiência de vida no mundo.

Assim como os pedaços que eu destacava das pessoas que me constituíram, destaco pelas frases pedaços do mundo que me formam, que se grudam a mim por um motivo ou outro.

Volto às perguntas que me fisgaram, que grudaram, que me fizeram avançar nessa produção improdutiva de me fazer gente. Improdutiva porque sem fim, sem produto. Só prazer.

Gosto - tão intuitivo como treinado - pelas pequenas coisas que me fazem eu no mundo.

Aquelas que, quando me dou conta de que eu sou eu, me fazem ter gosto por mim mesma e pela experiência que venho tecendo.

Nota: Eu sou eu que sou eu que sou eu, apenas um corpo no mundo.

APRESENTAR-ME EM
CONSTRUÇÃO.

UM CORPO QUE EU
QUERO ACREDITAR.

O que liga minhas notas, meus fragmentos, meus pedacinhos de mundo colhido é justamente meu processo de me fazer eu no mundo. Minha vontade de mundo.

Vontade que vai constituindo minha voz e minha presença.

“Pela voz que o investe, o texto se expõe em toda sua clareza como um conjunto simultâneo de frases mantendo relações de parentesco no espaço instantâneo de linguagem”.

Pierre Alferi, *Procurar uma Frase*, p.95.

Nota: Encontrar minha presença nas relações no espaço instantâneo de vida.

Fazer minha presença, texto.



Eu leitora do mundo;

Eu escritora.

Nesse processo de ler-escrever/escrever-lendo, me revelo a mim mesma.

Nessa recolha do que o mundo produz, outros produzem, eu produzo enquanto outro, vou me tornando outra de mim mesma.

Vou me contando coisas que ainda não sei.

Me tornando um terceiro elemento. Nem eu nem o outro; algo outro, algo além de mim.





Nota: Paul Zumthor¹⁷ faz-me perguntar se falar sozinha é reconhecer-me outra.

As frases sou eu falando sozinha-nãosozinha?

Uma nova vida que me permite estar em relação íntima e constante com o mundo, me encontrar também fora de mim:

Pedaços meus no mundo, pedaços do mundo em mim.

Reconhecer-me no mundo.

As frases são vestígios de vidas (a minha e de outros) *em relação e em elaboração*.

Colhê-las é uma maneira de me fazer presente no mundo. Estabelecer relação.

¹⁷ Paul Zumthor, *Performance, Recepção, Leitura*, Paul Zumthor, p.79.

BUSCAR SABER SER MULTIDÃO.

INCLUIR-ME NO ESPAÇO.

GASTAR OS LIMITES.

Deixar pistas

Deixar pistas da minha experiência no mundo é deixar uma *trilha de vida*.

A relação com o mundo traz lufadas de maravilhamento e de desejo de ética que precisam ser compartilhadas.

Assim como leio e escrevo, colho e *ofereço*.

Devolvo as frases como se tivesse pegado-as emprestadas.

María Zambrano¹⁸ sugere que a escrita surge para descobrir o segredo e *comunicá-lo*.

(E, segundo ela, descobre-se um “devir progressivo”, portanto, numa busca constante)

Espalhar, compartilhar pequenos pedaços da minha existência no mundo e com o mundo.

Devolver as frases vividas.

Destacar os vestígios, as pistas, os indícios de uma vida que está sendo vivida.

Ir me fazendo nas/pelas coisas que colho, que me chamam e que, talvez digam algo sobre mim.

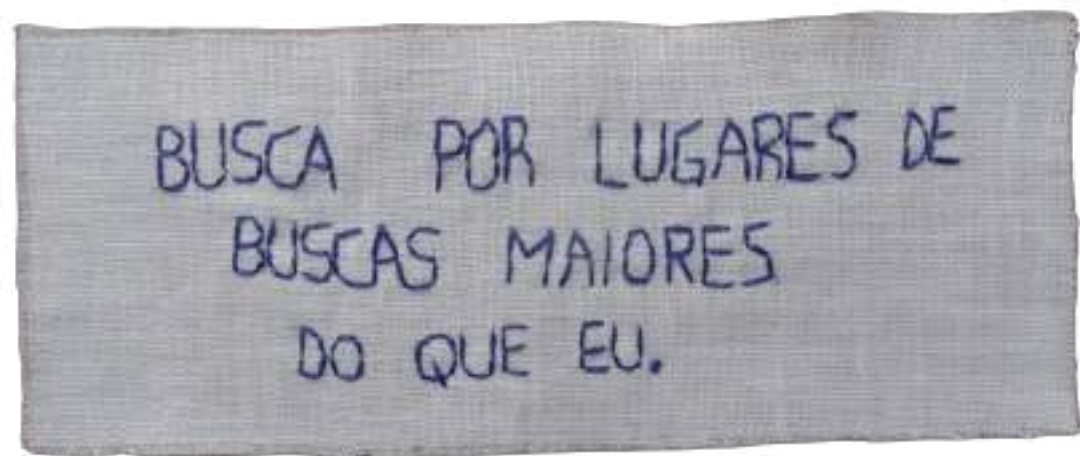
Ir me fazendo na devolução do que percebo, do que colho do mundo.

Colher e oferecer / ser feita e fazer, como na *Trama*.

¹⁸ María Zambrano em *Porque se escreve*, no livro *A metáfora do coração e outros escritos*, p.39.

Ir me fazendo na citação e na excitação¹⁹ das frases, das experiências, da vida.

Nota: Me fazer citação e excitação das minhas experiências no mundo.



¹⁹ A aproximação entre citação e excitação surgiu de Ângela e João durante a aula de 24/03/2025, intitulada "Endereçar-se à escrita".

NAVEGAR PELO VAZIO DAS
CAMADAS INTERNAS.

APOIAR-SE NO ESPAÇO.

Partilha das frases

Espalhar as frases é uma forma de vontade de espaço, de outro, de partilha e relação, como na *Trama*.

As frases são outra forma de colocar meu corpo no mundo, ou ainda colocar minha sensibilidade intelectual no mundo²⁰.

Um desejo que está todo FORA, todo no outro, todo na abertura e na relação.

Me vejo fecundada pelas frases²¹, pela relação com o mundo, e, com sua partilha, dou a ver essa relação. Dou à vida, como Ângela sugere em um dos encontros.

Dou-me à vida.

Vou me entendendo também como obra, com distância de mim, como terceiro elemento.

Eu como experiência de mim. Eu também como fora.

Nota: Serei eu também uma frase a ser colhida?

²⁰ Ideia explorada por Roland Barthes, em *O Prazer do Texto*, e ressaltada pelo professor Jorge Ramos do Ó. As aulas do Prof. Jorge, intituladas “O gesto escritural”, foram fundamentais nesse processo e renderam muitas frases.

²¹ Essa imagem, pela qual sou muito grata, também surgiu em um dos encontros.

SEDUZIR O MUNDO.

ACEITAR O RISCO
DE ME SABER
INTEIRA.

Mostrar essa língua

Vou escrevendo de boca aberta, de peito aberto, agarrando o mundo com as mãos, com os pés, com os dentes.

Nota: Não me levar tão a sério, como aprendo com os textos da Lívia²².



Há um tom de jogo, de brincadeira, de despretensão, de descoberta, de **prazer**.

Buscar frases porque deu vontade²³.

Vontade de mundo, vontade de vida.

²² Lívia Mota é escrevedora, mãe da Malu e parceira de Núcleo Germinativo. Vivendo em estado de paixão, Lívia desenvolve uma escrita tão divertida como provocativa que nos instiga a nos olhar de fora, com leveza e criticidade.

²³ Uma das proposições da professora Lúcia Castello Branco, que ministrou aulas sobre o enigma, foi que encontrássemos nossa palavra-enigma e escrevêssemos uma frase a partir dela. Minha palavra é *vontade* e minha frase foi “vontade é quando a urgência vem gentil” e também foi bordada, meses antes do encontro com esse gesto de escrita-vida.

Para praticar o desejo de outro, venho investigando formas de oferecer as frases de volta para aqueles que me alimentaram.

O primeiro gesto-movimento é entregá-las como um presente; numa forma de valorizar a vida e a relação, pois envolve o contato com essas pessoas. É o caso das frases colhidas nas aulas, em conversas e de colegas da pós.

Receberam ou receberão frases Ana Carolina Machado, Ângela Castelo Branco, Cíntia Moreira, Illa Abreu, Flávia Giacomini, Lu Favoreto, Vinicius Airumã e Vitor Amato.



Da esquerda para direita, frases devolvidas para Ana Carol, Vinicius e Cíntia.

O segundo ainda é vontade: espalhar as frases pelo espaço, pela rua, pelas paredes, pelo corpo, pela língua.

Espalhar os bordados mas também torná-las outras materialidades. É o caso das frases de grupos, de autores com quem não tenho contato, e, em especial, das frases de mundo. As colhidas na rua, as sem autoria.

Aqui destaco o Prof. Jorge Ramos do Ó, Jorge Larrosa, Tim Ingold, Donna Haraway, Fernanda Cruz, o grupo da pós e o grupo de trabalho do projeto Manual em Família.

Mesmo as frases que vieram de mim considero quase sem autoria. Há vozes em mim que desconheço.

Eu receptáculo e (re)elaboradora.

As frases se destacam e pedem a dispersão (como a vida), a simplicidade.

Deixo que grudem, que se apareçam, que falem o que e a quem quiserem, seus significados e apontamentos mudam a depender do contexto, necessidade e vontade.

A colheita de frases é um inventário vivo.

“Ouvida e sentida plenamente, cada frase deixa a lembrança de um volume de bordas evanescentes, que se agrega mais ou menos às anteriores. E, ao erguermos os olhos do livro, podemos ver essas lembranças de formas “flutuantes” moventes coabitarem, se unirem ou se desunirem.” p.17

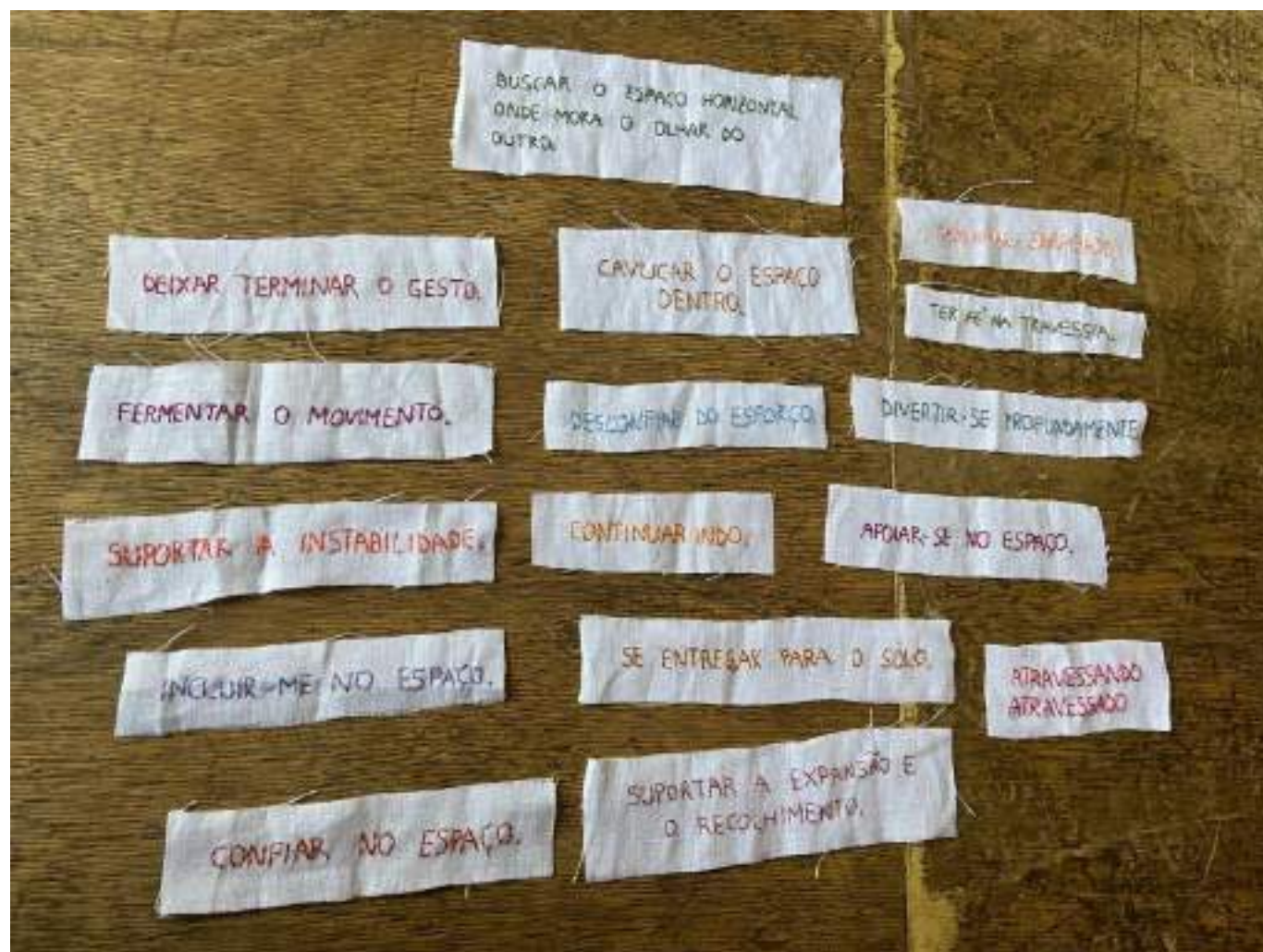
“Se reconhecer nela a frase lida, é que ela era necessária.” p.73

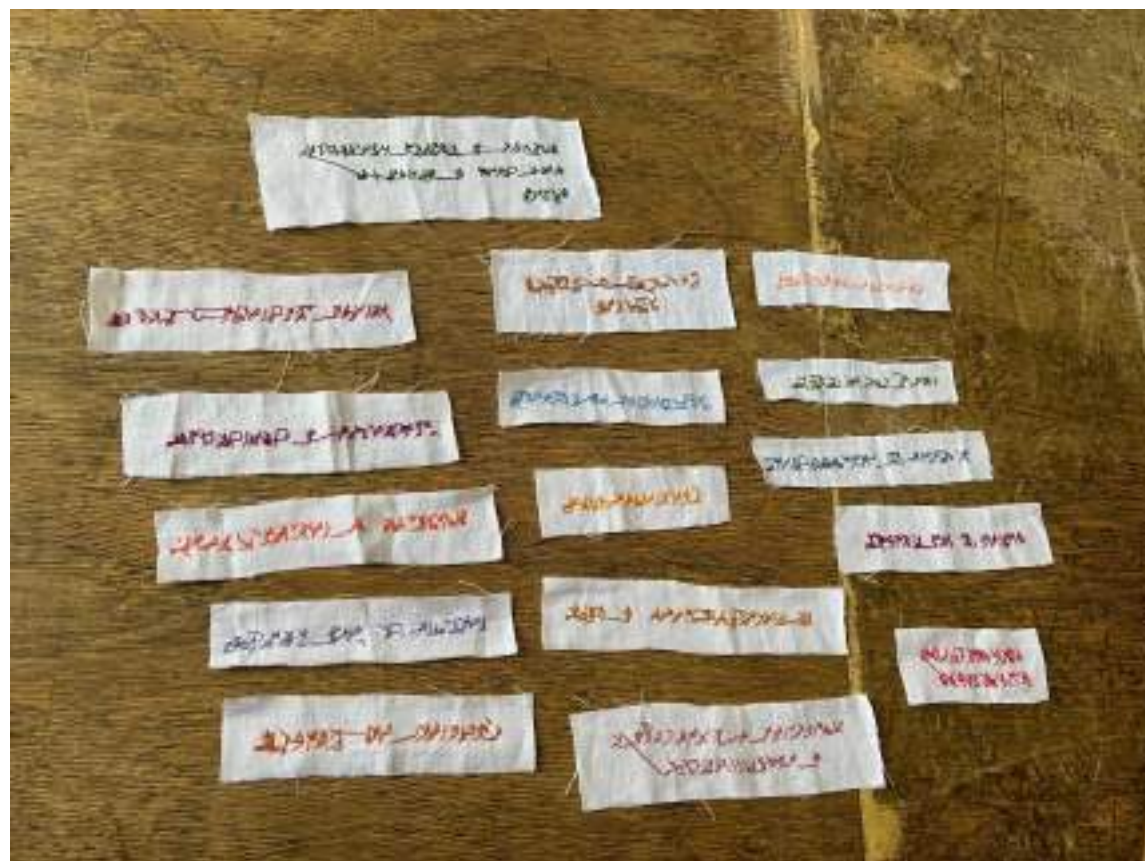
Pierre Alferi, *Procurar uma Frase*.

DESCONFIAR DO ESFORÇO.



Frases bordadas e por bordar com os livros e cadernos
companheiros na mesa de jantar da minha casa.





Colheita de frases das aulas de dança contemporânea com Lu Favoreto.
Fotos de Lu, no dia que entreguei as frases, no chão do Estúdio Oito Nova Dança, em São Paulo.

Nota: Saber ler o avesso das frases.

Corpo de escrita e de vida

Foi o corpo (a experiência) quem deu a escrita.

A escrita dar corpo (e vontade) é um segundo momento.

O suporte da minha escrita é a vida. Escrever, de fato escrever, vem depois e é o desafio.

Por isso o bordado: uma mediação vida-corpo-escrita.

Um gesto é uma presença ativa no mundo.

Reconciliando mão e ideia, mão e pensamento, mão e palavra: teoria e prática, vida e escrita.

Nota: Tim Ingold me coloca a pensar que linhas bordar as frases deixa na minha mão?²⁴

Que linhas viver as frases deixa na minha mão?

Aquilo que se descobre no caminho.

Descobri um corpo que goza em viver.

Goza com a busca.

²⁴ Tim Ingold, *Linhas*, p.74.

Não poder nomear a experiência é o que permite, insiste em tentar.

Ao mesmo tempo que busco **nomear para compartilhar**.

Vou então, me aproximando, aos poucos, da escrita.

Mas preciso admitir que gosto da palavra como brincadeira, como um dos muitos meios de chegar no outro porque é da nossa linguagem comum. Gosto da palavra como um desafio.

A palavra é só um dos meios para escrever.

Sinto amor pelo enigma das palavras, sua possibilidade de me levar a outros lugares, acessar outras pessoas, outros corpos.

Compartilhado quer dizer vivido junto.

Viver a teoria: viver a palavra:

me aproxima da escrita lida e da escrita escrita através da escrita vivida.



DESCONFIAR DA LINGUAGEM.

SUSTENTAR UMA
EXISTÊNCIA.

ALGO QUE ME FAÇA
EQUILIBRISTA.

Tenho essa vontade da coisa permanecer em processo
do texto permanecer em estado bruto
como quem vai ali e já volta

como quando deixo o caderno aberto em cima da mesa para voltar a escrever ao longo do dia
e volto só quando a reflexão já é outra.

ando deixando a vida me penetrar, remexer meus pensamentos e levar meu corpo para lugares ainda inimaginados.
ando escrevendo para ter pistas, guardar a ínfima parte que me indica o todo de um lugar que ainda é desconhecido.



Referências Bibliográficas

ALFERI, Pierre. *Procurar uma frase*. Tradução de Inês Oseki-Dépré. São Paulo: Relicário Edições, 2024.

BARTHES, Roland. O prazer do texto. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

INGOLD, Tim. Linhas: Uma breve história. Tradução de Lucas Bernardes. Petrópolis: Editora Vozes, 2022 (Coleção Antropologia).

LARROSA, Jorge. Ponhamo-nos a caminho. In MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *A Pedagogia, a Democracia, a Escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

ZAMBRANO, María. Porque se escreve. In *A metáfora do coração e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: UBU Editora, 2018.

À Silvana, que lê as frases com os olhos cheios d'água, enxergando os processos que não sou capaz de explicar.